

Marcas de um tríptico

O que é um tríptico? Segundo o Dicionário online de português é “um quadro pintado em três panos de modo que os dois exteriores podem dobrar-se sobre o do meio”. E a que se refere o tríptico do título? A três filmes e três textos.

Assistir filmes é uma atividade muito prazerosa, que não exige conhecimento prévio, nem preparação; mas requer tempo, local adequado; atenção e disposição. As conseqüências do durante e pós sessão variam de acordo com o humor e estado de espírito do expectador e também do seu background geral, mas, acima de tudo variam com o clima da película, com a história, com a forma em que o filme foi produzido, filmado, roteirizado, musicado, colorido; enfim, com a maneira em que foi realizado. Mas será sempre uma experiência única para cada um.

Assim será com as palavras? Não, elas exigem mais do leitor, principalmente conhecimento prévio para garantir a compreensão. No entanto, em ambos casos de filmes e textos, ficarão ou não marcas em que os viu.

O que restou de um tríptico “desconhecido”?, se é que esta palavra consegue exprimir o oposto de “familiar”. Confrontados com três textos e três filmes, restou a estranha sensação da “incompetência” de compreender o cerne de tudo e, principalmente, de expressar as marcas que foram deixadas.

Começemos pelo primeiro filme, **Fausto**, dirigido pelo cineasta russo Alexander Sokurov, baseado na obra de Goethe. O filme foi vencedor do Festival de Veneza em 2011 e relata a história do doutor Faust, um cientista insatisfeito com sua vida, em constante busca de algo: do conhecimento e da alma humana nos cadáveres que lhe trazem os coveiros em troca de dinheiro que nunca recebem. Sem a ajuda do pai, sai pela cidade para buscar como pagar os coveiros e saciar sua fome e encontra um dono de casa de penhor a quem recorre oferecendo seu anel. Ali se inicia um relacionamento em que o agiota acaba por lhe prometer poder e o amor da bela lavadeira, cujo irmão Fausto matou; mas em troca exige a alma do médico, e assim selam um pacto com sangue.

A história de Fausto era conhecida pelo famoso pacto entre o médico e o diabo, mas isto não foi suficiente para impedir o estranhamento em relação às cenas iniciais dos cadáveres dilacerados e à cena final.

Em seguida, passamos ao filme **Underground**, dirigido pelo iugoslavo Emir Kusturica que narra a trajetória de Marko embutida na história de um grupo de rebeldes, que, durante a Segunda Guerra Mundial vivem no subsolo de Belgrado fabricando armas sob o comando de Marko. Ele engana os companheiros escondendo deles o fim da guerra, fazendo-os viverem na clandestinidade enquanto ele, na superfície, se torna amigo do general Tito e mantém um relacionamento com a atriz Nathalia, a namorada/amante de Blacky, seu amigo e companheiro da resistência. Anos depois, quando saem do esconderijo para derrotar os alemães, Blacky e seu filho crêem ainda estar em meio à guerra.

O filme de Kusturica é uma grande confusão de festas, álcool, música e sexo, permeadas por guerras e confusões que criam situações cômicas. É dinâmico e cheio de surpresas. Apesar da guerra, há festas e todos parecem se divertir muito. Mas, o final leva a muitas reflexões mais sérias.

O último filme do triptico, é a **A Arca Russa**, também do diretor russo Sukorov, é um filme que apresenta o interior do Museu Hermitage de São Petersburgo. O início mostra pessoas vestidas à época dos czares entrando em um suntuoso edifício, parecem adentrar uma festa e o narrador se questiona se terão permissão de entrar. Mas, entram, e ali, a câmera introduz o espectador à história russa. Passando por vários aposentos e objetos de diferentes períodos.

Aparentemente o filme é uma espécie de documentário sobre o Museu russo, no entanto, saber que foi filmado em um único plano, isto é, em uma única seqüência (sem cortes) e em apenas um dia, e com a presença de milhares de figurantes distribuídos em 35 salas do museu, recriando diferentes períodos da história russa causa admiração. Aí está a genialidade e inventividade do diretor.

Para que os tem pouca familiaridade com a história e a cultura russas, o filme atrai pela forma como são apresentados os objetos e costumes através de algumas encenações como os bailes.

Além dos três filmes, foi lido um trio de textos com muita dificuldade, tropeços e recomeços e desistências. Começamos pelo **O museu imaginário** de André Malraux em que o autor trata do museu e das imagens dos museus que se tornam conhecidas por pessoas que não vão aos museus ver as obras originais. Para o autor, o museu está intimamente relacionado à obra de arte que “nos custa pensar que ele não existia, que nunca tivesse existido nos locais em que a civilização da Europa moderna é ou foi desconhecida” (MALRAUX, p. 9). Mas ele vê na fotografia a forma de difundir as obras de artes dos museus para aqueles que não tem condições de obter reproduções das obras de arte mas querem conhecê-las. As formas digitalizadas das obras permitem que mais e mais pessoas conheçam as obras dos grandes museus. Boa parte das pessoas sabe que a Monalisa e a Monalisa porque já viu sua imagem, embora nem sonhe em ver a obra original de Da Vinci.

Antes das fotografias, eram copias das obras que auxiliavam a difundir a beleza de algumas obras de arte, mas a fotografia aumentou muito a possibilidade de visibilidade das obras de arte. Hoje, é possível um tour virtual por vários museus através da Internet.

O próximo texto é **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público** de Pierre Bourdieu e Alain Darbel. Aqui, os autores apresentam o resultado de varias pesquisas realizadas em diferentes museus da Europa para conhecer o seu público. O resultado não surpreende, pois se chega à conclusão de que o museu não é um equipamento muito popular, mesmo para a Europa de primeiro mundo. As pessoas de maior escolaridade e de grau social mais alto constituem o público dos museus. Por que isto acontece? É a falta de familiaridade com o equipamento cultural. O que falta é o quê Bourdieu chama de “competência artística”, isto é “o conhecimento prévio dos princípios de divisão, propriamente artísticos, que permitem situar uma representação, pela classificação das indicações *estilísticas* que ela contem, entre as possibilidades de representação que constituem o universo artístico” (BOURDIEU, DARBEL, p. 73). É a incapacidade de compreender a arte em si. Por isto, os autores mencionam que os museus estão abertos para todos mas interdito à maior parte das pessoas.

Acontece de forma similar ao que ocorre com o analfabeto funcional, que sabe ler a seqüência das letras, mas não compreende o sentido delas. As pessoas podem ir aos museus, ver as obras, apreciá-las, mas até que ponto são capazes de compreendê-las? A solução estaria na familiarização com os equipamentos culturais.

O último texto é **Sobre as ruínas do museu** de Douglas Crimp. Uma coletânea de ensaios publicados em revistas e catálogos de exposições, cuja temática é a arte pós-moderna. O autor estabelece uma relação entre a arte e o local onde ela é exposta. Ele analisa os diferentes museus e seus prédios e o tipo de arte ali exposta, junta ao seu texto, as fotografias de Louise Lawler, aponta diferenças entre os antigos prédios que sediam ou sediaram os primeiros museus e os edifícios construídos com este propósito específico. Discute a arte e o espaço para sua exibição.

O que resta destes dois tripticos é o reconhecimento da “incapacidade artística”, o reconhecimento do jogo de luzes no filme Fausto, do contraste das trevas quando Fausto dilacera os cadáveres e a luz sobre sua amada na cena em que ele a vê pela primeira vez na lavanderia. A percepção da beleza do museu Hermitage e a triste constatação da condição humana em períodos de guerra e as permanentes marcas por ela deixadas nas pessoas.

O que liga todo o material analisado? A fotografia. Os filmes são imagens em movimento. **Fausto** é o jogo de luzes das trevas e a luz, **Underground** é a fotografia de um mundo subterrâneo, fechado e abafado por festas e música e **A Arca russa** é o passeio virtual por um museu. Os textos tratam também da imagem, as copias e as fotografias das grandes obras de artes estão citadas no **Museu imaginário**, e de como elas auxiliam a divulgar as artes e as obras de arte, mas também de como entram no imaginário das pessoas na análise da pesquisa feita por Bourdieu e Darbel em **O amor pela arte**. As imagens também estão em **Sobre as ruínas do museu** ao retratarem diferentes edifícios museus e sua relação com a arte que contem.

Além da fotografia, interliga-os a necessidade de um mínimo de conhecimento prévio para sua compreensão e melhor aproveitamento. Isto vale

também para os filmes, que serão mais bem compreendidos e apreciados se estudados com antecipação. A familiaridade afasta o estranhamento e aproxima a compreensão e a apreciação. Com certeza, a discussão pós é válida também, no entanto, neste caso, requer uma nova aproximação. Quem sabe a “próxima vez” será uma excelente forma de apreciar a beleza de cada um dos “panos” do triptico? Mas, onde está o tempo para tanto?

E quem sabe a próxima vez exigirá menos para um texto sobre eles? Quem sabe a familiaridade com o tema possa levar a constatações menos irrelevantes e construtivas?

Mas, ainda assim, arriscamo-nos a sugestões simplistas, com alguns comentários: como divertimento apenas **Underground** é interessante nas suas cenas cômicas, mas como reflexão, ele merece um segundo olhar. Como documentário, **A arca russa** é maravilhoso, mas como análise de técnica cinematográfica pede um estudo anterior e comparações com outras películas. **Fausto**, talvez não seja a indicação para um primeiro contato com o drama de Goethe, embora siga as linhas gerais do livro. Os textos demandam tempo para leitura e buscas para a sua compreensão, principalmente para os desprovidos da “competência artística” a que se refere Bourdieu. Mas, que uma pequena perseverança talvez traga boas recompensas.

Referências:

BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. **O Amor pela Arte**. São Paulo: EDUSP e Ed. Zouk, 2003.

CRIMP, Douglas, *On the Museum's Ruins*, Cambridge, MIT.

Dicionário online de português. Disponível em? <http://www.dicio.com.br/triptico/>. Acesso em 15 out. 2014.

MALRAUX, André. O museu imaginário. IN _____ **As vozes do silêncio**. Lisboa: Livros do Brasil.